

*Para as raparigas que não gostam apenas de ler
sobre desporto, mas que também gostam de o praticar.
(E para as raparigas que adoram ver o capitão da
NHL com 1,90 m a ajoelhar-se e implorar como um
bom rapaz — o Maverick Miller é para vocês.)*

Nota da Autora

Como alguém que foi atleta toda a vida, tem sido uma alegria para mim ver o incremento de atenção que as mulheres no desporto estão finalmente a receber. Este entusiasmo pelas atletas femininas não existia há dez anos e viver numa altura em que o campeonato de basquetebol feminino da NCAA teve mais espectadores do que o campeonato de basquetebol masculino da NCAA é irreal.

Estou na minha era de romance desportivo e, ao planear uma coleção sobre hóquei, sabia que queria escrever uma história com uma reviravolta.

Quando comecei a sonhar com *Face Off – Rivalidade no Gelo* e com a ideia de uma mulher a jogar hóquei profissional, a PWHL (Professional Women's Hockey League) ainda não estava formalmente constituída. Em vez de criar uma liga para a Emmy, decidi deixá-la jogar com os rapazes.

Acreditem em mim.

Sei que as mulheres não jogam na NHL (National Hockey League — Liga Nacional de Hóquei); exceto Manon Rhéaume, que participou num jogo de exibição com os Tampa Bay Lightning.

Este livro é uma obra de ficção. Estica as fronteiras da credibilidade para o fazer funcionar, mas a representação das mulheres no desporto é importante para mim, daí a presença de uma mulher na NHL.

Também sei que as equipas de hóquei têm mais de nove jogadores. Para facilitar a leitura, limitei o número de pessoas mencionadas ao longo do livro, para que não seja confuso seguir o rasto de todas (e incluí também uma lista para que saibam quem é quem)!

Por último, algumas das personagens brevemente mencionadas em *Face Off – Rivalidade no Gelo* são de outros livros meus de uma coleção diferente. Dallas, Maven e June são de *Behind the Camera* (um romance desportivo entre um pai solteiro e uma ama). Reid é também uma personagem que vai ter o seu próprio livro nessa coleção. Mas escrevi *Face Off – Rivalidade no Gelo* de forma que não seja necessário ler as outras coleções (assim espero!), mas se tiverem alguma dúvida, não hesitem em enviar-me uma mensagem no Instagram (@authorchelseacurto).

Aviso de Conteúdo

Face Off – Rivalidade no Gelo é uma comédia romântica cheia de momentos engraçados, picantes e românticos, mas eu quero compartilhar um aviso para alguns conteúdos de que alguns leitores podem querer estar cientes.

- linguagem explícita
- múltiplas cenas de sexo explícito entre dois parceiros consensuais (incluindo asfixia ligeira com autorização)
- consumo de álcool
- um *playboy* com um historial de mulherengo (não há outro interesse amoroso, e ele não está com ninguém depois de conhecer a protagonista)
- luta no ringue (incluindo sangue e lesões)
- menção de uma lesão no hóquei (não é relatada)
- menção de abandono parental (breve)
- menção da vida num lar de acolhimento (breve)
- menção de cancro infantil (breve)
- comentários sexistas feitos por personagens secundárias (breves, e incluindo um comentário não consensual que não é feito por nenhuma das personagens principais)

Como sempre, cuidem de vocês e protejam o vosso coração. Se tiverem alguma dúvida sobre qualquer um dos assuntos aqui listados, fiquem a saber que podem enviar-me mensagem pelas redes sociais (@authorchelseacurto no IG).

Lista de jogadores dos D. C. Stars

Maverick Miller	avанçado (ala-direita)
Emerson Hartwell	avанçado (ala-esquerda)
Liam Sullivan	guarda-redes
Hudson Hayes	defesa
Riley Mitchell	defesa
Ethan Richardson	avанçado (central)
Grant Everett	avанçado (ala-direita)
Connor McKenzie	central
Ryan Seymour	defesa
Brody Saunders	treinador principal

Um *Emmy*

Já estive perto de muitos pénis na minha vida, mas aquele que está a quinze centímetros da minha cara é o último que quereria ver.

— Grady. — Lanço o braço sobre os meus olhos numa tentativa desesperada de me proteger do seu pau flácido. — Conseguimos passar duas épocas sem que esta amizade se tornasse estranha e tu escolhes o meu último dia para te comportares como um imbecil? E num espaço sagrado como o nosso balneário?

— Alguém me roubou os *boxers*. — O Grady Whitlock, o meu melhor amigo e uma das únicas razões pelas quais sobrevivi ao período como ala esquerda dos San Diego Iguanas da ECHL, nunca foi do tipo tímido. — Sabes que eu não sou assim.

— A proximidade dos teus tomates com a minha boca diz o contrário. Acho que posso ter pesadelos.

— Espera. — Ouve-se uma série de palavrões murmurados, seguidos do fecho de um saco e do farfalhar de roupa. — Pronto, já podes olhar.

Abro um olho e suspiro de alívio quando dou por mim a olhar para umas calças de ganga escuras e não para um escroto.

— Graças a Deus. Quem te roubou os *boxers*?

— Provavelmente o Andrew — resmunga o Grady. — O cabrão está com raiva de mim desde que o venci no treino de lançamentos da semana passada. Desculpa, Em.

— Eu desculpo-te, mas só se nunca mais me mostrares o teu material — digo.

— Talvez possamos hipnotizar-te e apagar isto da tua memória.

— Prefiro levar com uma marreta na cabeça. Vais ter de encontrar outra pessoa para te exhibires, amigo. O meu voo parte dentro de três horas, e depois vou-me embora daqui para sempre.

O Grady franze o sobrolho.

— Este lugar não vai ser o mesmo sem ti, Emmy.

— Ser chamada para as grandes ligas era a última coisa no meu cartão de bingo para este ano, e estou quase a passar-me. — Aperto o ar com o polegar e o indicador. — Pensando bem, podes mostrar-me a tua pila outra vez? Tem muitas veias, mas é bem menos assustadora do que pensar no futuro. Eu? Uma jogadora da NHL? Será que têm *a certeza*?

— Ah. — Ele esfrega o queixo e sorri. — Estamos na fase da negação, estou a ver. As pessoas chamam *emoções* ao que estás a experienciar, Emmy. Devias abraçá-las. Elas não te tornam fraca.

— Eu sei disso. — Aceno-lhe, mas uma corda no meu peito aperta-se quando olho para ele. — É tudo muito repentino.

Ele caminha na minha direção. Quando está suficientemente perto para me alcançar, aperta as minhas bochechas com dedos quentes e palmas calejadas.

— Tu consegues fazer coisas difíceis, Em. Esta transição não vai ser fácil, mas é a oportunidade de uma vida.

Raios partam.

Estava mesmo à espera de sair daqui sem que a nossa conversa se tornasse profunda. O Grady tem essa maneira de me fazer ter sentimentos grandes e assustadores e me forçar a mostrar-me vulnerável, e eu não tenho a certeza se consigo lidar com isso hoje.

Mexo num fio solto dos meus calções. As palmas das minhas mãos estão pegajosas quando puxo os longos fios de ganga e engulo uma respiração profunda.

— Estarei louca por aceitar esta oferta? Por desistir da coisa segura que tenho aqui? Sabes que odeio ficar parada, mas parece que estou a saltar para o oceano sem colete salva-vidas.

— Pensa nisto como o próximo passo. Um redirecionamento — diz o Grady, sempre a voz da razão no nosso balneário. — Trabalhaste tanto para isto. Era só uma questão de tempo até que uma oportunidade aparecesse.

Chamem-me egoísta, mas realmente *trabalhei* muito para isto.

Mesmo muito, e agora tenho a oportunidade de jogar pelos D.C. Stars, a nossa equipa afiliada da NHL.

Os Stars costumavam ser uma potência que chegou aos *playoffs* num recorde de vinte e quatro anos seguidos. Agora, estão numa fase má e parecem não conseguir sair dela.

Estão a sair da sua oitava época de derrotas consecutivas. Há uma década e meia que não erguem uma faixa de campeão da Taça Stanley e as coisas também não estão a começar bem para eles este ano.

Uma lesão no início da época deixou o seu avançado de elite com uma rotura do ligamento cruzado anterior, e têm rodado jogadores da AHL pela vaga no plantel sem sucesso.

Fiquei a saber tudo isto durante uma chamada com o meu agente e o treinador principal dos Stars. Depois de quase meia hora de bajulação e de recitar uma lista dos meus feitos que remontavam ao secundário, o treinador Saunders fez-me uma proposta de contrato porque gosta da minha forma de jogar e admira a minha tenacidade.

Fiquei à espera que alguém me dissesse que era uma piada. Um grande mal-entendido que devia ter acontecido a uma Emerson Hartwell diferente, mas a piada nunca chegou.

E agora aqui estou eu, com as malas feitas e o coração na garganta enquanto me inclino para a frente e abraço o homem que se tornou um irmão para mim.

Nunca fui de chorar, mas o meu nariz arde e a minha visão fica embaçada quando o Grady me aperta com força. Ele cheira a suor, mas não me importo. Não sei quando vou poder voltar a vê-lo, e quero saborear este momento.

Ele afasta-se e dá-me um olhar sério que me diz que está prestes a entrar em modo de proteção.

— Lembras-te da nossa regra?

— Não fornicar com colegas de equipa — recito, a rir. — Não te preocupes. Aprendi a lição da última vez.

— Isso inclui o Maverick Miller. Ele não acredita em regras. Tem uma rapariga em cada porto, e tem sido fotografado com modelos e atrizes quase todas as semanas. Há um rumor de que um grande *reality show* de encontros lhe ofereceu o papel principal, mas ele recusou.

Reviro os olhos.

— Lidei com esse tipo de homens durante toda a minha carreira. Não me interessa se ele é bonito ou famoso. Não me aproximo dele.

— Ótimo. — O Grady beija-me o topo da cabeça e despenteia-me o cabelo. Eu afasto-o, e a atenção dele volta-se para o meu cubículo. — Nunca pensei que veria o teu cacifo vazio. Para onde foram todas as tuas coisas? Costumava ter dezanove escovas de cabelo e plantas suficientes para fornecer oxigénio a uma cidade inteira.

— Vai-te lixar. — Ponho as mãos nas ancas. — Não fales assim da *Fernie* e do *Freddie Ficus*.

— As folhas deles invadiam o meu espaço. Fico contente por vê-los partir. — O Grady enfia a mão no bolso da frente das calças de ganga e tira um pedaço de papel dobrado. — Isto é para o teu novo cacifo, se conseguires arranjar espaço para ele.

Desdobro o papel amassado e engasgo-me a rir. É uma fotografia nossa que tirámos no meu primeiro dia com os Iguanas, há dois anos. O braço dele está pendurado no meu ombro. Eu estou encostada a ele. Estamos com sorrisos iguais e camisolas iguais, e lembro-me como se fosse ontem.

— Olha para nós — digo. — Éramos bebés. Tu tinhas os dentes todos.

— E tu pensaste que a franja era uma boa ideia.

— Nunca mais. — Mordo o lábio inferior. — Não achas que os Stars me chamaram por uma questão de «contratação diversificada», pois não? Achas que foi para serem a primeira equipa com uma mulher no plantel?

— Nem pensar! Chamaram-te porque és a melhor patinadora da ECHL e da AHL. Porque podes enfrentar qualquer tipo nas três ligas. Quem se importa se tens mamas e usas um sutiã desportivo?

— Quem me dera que todos tivessem a mesma atitude que tu. Olha o tempo que levei a conquistar os tipos daqui; uma época inteira.

— Isso é porque tu és espinhosa, não porque és mulher. Tu és o meu pequeno cato. — O Grady belisca-me a bochecha, e eu olho para ele. — Se os teus novos colegas de equipa disserem merdas, fã-os engoli-las quando estiverem a treinar. Dá-lhes uma coça e depois vangloria-te humildemente. Se te sentires muito agressiva, recorda-lhes a sua posição na tabela de classificação. — Ele olha para mim, e a sua expressão suaviza-se. — Um dia vão fazer um filme sobre ti.

— Isto está a ficar estranho. Nunca tive alguém que me dissesse tantas coisas boas seguidas sem ser com a intenção de me levar para a cama — brinco.

— Sim, pois. Tens de aprender a aceitar um elogio de vez em quando. — Ele faz um estalido com a língua. — Fala-me dessa pessoa com quem vais ficar. Ela é segura?

— A Piper Mitchell não mataria uma abelha nem que esta a picasse. Éramos amigas no secundário e ela trabalha para os Stars, no departamento de comunicação.

— Tinhas amigos na adolescência? — pergunta ele, e mais uma gargalhada me escapa. — Isso deve ter sido qualquer coisa!

Mostro-lhe o dedo do meio e olho à volta do balneário a que chamo casa há dois anos, com o coração a martelar no peito.

— É o fim de uma era, não é? — pergunto.

— E o início de uma nova. — O Grady levanta o queixo em direção à porta. — Sabes que odeio despedidas. Sai daqui antes que eu corte as tuas plantas e as dê a comer aos pássaros.

— Nunca o farias. — Abraço-o novamente, e um pedaço de mim enraíza-se nele com o abraço. — Porta-te bem, Whitlock. Mantém a pila dentro das calças.

— A minha confiança está a cair a pique hoje. É assim tão má? Meu Deus, talvez seja por isso que a Sabrina não me ligou de volta depois de sábado à noite no bar.

— Porque o teu pénis pende para a esquerda? Duvido. Se calhar é porque ela se chama Samantha e não Sabrina. — Dou-lhe uma palmadinha no ombro. — Olha para ti a transformares-te num mulherengo.

— Porra. — Ele inclina a cabeça para trás e olha para o teto. — Eu gostava mesmo dela. O bar estava muito barulhento. Não consegui ouvir bem. A culpa é minha por não lhe ter pedido para repetir.

— Há sempre uma próxima vez. — Pego no meu saco do chão. — Fico a torcer por ti.

— Nada de dormir com os teus colegas de equipa só porque tens frio, estás aborrecida e sofres de depressão sazonal.

— Prometo que me vou comportar. — O telemóvel toca no meu bolso e verifico as notificações. — Tenho de ir. A minha boleia chegou.

— Adoro-te, Emmy. Aproveita ao máximo — diz o Grady.

— Também te adoro, palerma. — Belisco-o e afasto-me. — Haverá um bilhete à tua espera, se conseguires ir para leste.

Dirijo-me para a porta que dá acesso ao átrio do centro de treinos e olho por cima do ombro. Este é o maior passo que eu poderia dar na minha carreira, e quando o Grady sorri para mim, eu sei que vai correr bem.

Dois

Emmy

Uma monção recebe-me no trajeto do aeroporto até ao apartamento da Piper Mitchell, e já estou encharcada quando chego à entrada do prédio residencial de luxo.

A subida até ao décimo andar é rápida, e eu arrasto as minhas malas pelo corredor até à porta da Piper. Bato duas vezes e ela abre-se.

Uma loira de um metro e sessenta com brilhantes olhos azuis recebe-me com um abraço que me deixa sem fôlego e, pela primeira vez desde que aterrei no Aeroporto Nacional Ronald Reagan, de Washington, eu sorrio.

Nunca tive muitas amigas enquanto crescia. Tinha tendência para o desporto e a minha missão era ser escolhida para as equipas masculinas. Todo o meu tempo livre era passado a treinar, a preparar a minha agenda para os treinos e a tentar provar o meu valor. Era cansativo.

Não és como as outras raparigas, diziam os rapazes da minha equipa de hóquei recreativo depois de eu ter levado uma cotovelada na cara durante um jogo. *Uma de nós*, aplaudiam quando eu simplesmente limpava o sangue do nariz.

Eu ria-me disso, mas, no fundo, *queria* ser como as outras raparigas.

Quería alguém com quem pudesse falar sobre primeiros beijos e maus encontros. Cólicas menstruais e professores substitutos jeitosos.

Tem sido difícil recriar essa adolescência na vida adulta. As pessoas gostam de me dizer que sou de difícil convivência. Que sou fechada e

demasiado sarcástica. Sempre fui assim, desde que me lembro. Não sou zangada, mas inquieta, e é por isso que ando sempre atrás da próxima grande oportunidade. Porque procuro o próximo lugar para onde ir.

Normalmente, isso traduz-se em ir embora antes de se formarem verdadeiras ligações, e o ciclo repete-se.

A Piper foi diferente.

Entrou de fininho quando estávamos juntas em Literatura Inglesa no segundo ano, e ficou.

Se ela é a luz do Sol, eu sou a nuvem de tempestade.

Uma de nós gosta de agradar às pessoas e a outra evita-as.

Dois opostos totais que encontraram uma amizade que funciona.

Perdemos o contacto na faculdade — eu estava ocupada a manter as minhas notas altas para assegurar a bolsa de estudos desportiva. Ela estava ocupada com o jornalismo e a apaixonar-se por um estudante de boas famílias que se tornou CEO e que, afinal, era um grande idiota.

Divorciaram-se no ano passado e nós voltámos a ligar-nos através de mensagens pelo Instagram, que se transformaram em chamadas semanais de FaceTime.

Não acredito muito em almas gémeas, mas acho que a Piper pode ser a minha.

Ela encontrou-me quando eu mais precisava dela e fez-me sentir acarinhada. Capaz.

Quando lhe liguei e lhe disse que vinha jogar pelos Stars, a Piper convidou-me para ficar com ela. Foi como se não tivesse passado tempo nenhum na nossa amizade, e ela estava tão entusiasmada por mim, que quase parecia que tinha sido *ela* a entrar na equipa.

— Chegaste! — exclama a Piper.

— Cheguei, e estou encharcada. Vou arruinar o teu chão — digo.

— Quem é que se importa com o chão? — Ela solta-me e faz-me sinal para entrar. — Como foi o teu voo? Queres tomar um duche antes de te mostrar a casa e te ajudar a instalares-te? Tens fome?

Fala pelos cotovelos, e o meu cérebro com *jet lag* é lento a acompanhar.

— Importas-te que dê uma passagem ao corpo? — Olho para a poça que se forma aos meus pés. — O tipo do lugar do meio comeu uma sandes de cebola e acho que o cheiro me seguiu.

— Uma sandes de cebola? — A Piper inclina-se para a frente e cheira a minha camisa. — Isso é nojento. O que é que vem numa sandes de cebola?

— Pão e cebola. Só — digo. — O pobre motorista que me trouxe tentou não respirar durante todo o caminho, por isso vou, definitivamente, perder a minha classificação de cinco estrelas.

— Há passageiros sem a mínima noção. Graças a Deus que voamos em aviões *charter*. Se eu tivesse de ver alguém a entrar descalço na casa de banho do avião, procurava um marechal do ar e certificava-me de que essa pessoa aterrava na cadeia. — Ela puxa-me pelo braço e guia-me pelo corredor. — Vou mostrar-te o teu quarto para que te possas lavar, e depois podemos fazer a visita guiada completa.

— Cum *caraças*, Piper. Eu sei que me mandaste fotos, mas este lugar é enorme. — Olho para as janelas do chão ao teto da sala de estar. A linha do horizonte de D.C. pisca para mim, e estou oficialmente impressionada. — Isto custaria milhões na Califórnia.

— É fantástico, não é? — A Piper sorri para mim por cima do ombro. — Já que aquele cabrão me traiu com a secretária e depois disse que a culpa do divórcio era minha, podes crer que lhe saquei tudo o que pude.

— Como é que te tens aguentado? — pergunto.

— Estou bem — diz ela, mas o seu sorriso é tenso nos cantos. — Não fazia ideia de quanto ele me estava a limitar até estar longe dele, sabes?

Sei, e odeio que a minha querida amiga agora também saiba.

— Lamento que tenhas passado por isso, e lamento não ter estado cá para ajudar.

— Não lamentos. Estou do outro lado e as coisas estão a correr bem. — O seu sorriso altamente luminoso está de volta ao lugar, e ela detém-se em frente a uma porta. — Este é o teu quarto. Tem uma casa de banho, e tenho toalhas preparadas para ti. Até tens um aquecedor de toalhas.

— Caramba, és muito chique. — Hesito antes de me inclinar para a frente e abraçá-la novamente. — Obrigada por me acolheres.

— Não tens de me agradecer. Vai ser divertido. Não há pressa para te instalares. Estarei na sala de estar quando estiveres pronta.

Com um aceno e um movimento do cabelo, ela sai pelo corredor e cantarola uma música que soa suspeitosamente como *Goodbye Earl*.



Trinta minutos depois, sento-me ao lado da Piper no sofá e aceito a cerveja que ela me entrega. Batemos as garrafas num brinde comemorativo, sentamo-nos e relaxamos.

— Não acredito que estás aqui, Em. E não só estás aqui, como vais assinar contrato com os Stars.

— Quantas pessoas sabem disso? Foi enviado algum comunicado?

— Não. Só soube quando a equipa de comunicação recebeu a tua folha de estatísticas para podermos fazer uma pesquisa sobre ti. Mas tenho a sensação de que vai ser divulgada aos meios de comunicação social muito em breve. Há sempre alguém que conta a alguém que conta a outra pessoa e, quando dás por ti, está estampado em toda a ESPN. O Maverick sabe, claro, por isso, quando a informação for divulgada, podes culpá-lo.

Maverick Miller.

Já vi os seus melhores momentos e sei que é um jogador de hóquei incrível.

É o antigo Novato do Ano da NHL. Seleccionado para a Equipa Principal All-Star por cinco épocas consecutivas. Recentemente galaradoado com o Prémio Ted Lindsay, votado como o jogador mais extraordinário pelos membros da Associação de Jogadores da NHL.

Ele pode ser um fenómeno desportivo, aquele jogador que é a primeira escolha, que aparece uma vez a cada década, em quem apostas tudo porque sabes que te vai fazer ganhar a Taça Stanley, mas as suas redes sociais estão cheias de publicações que gritam *olha para mim*.

Mergulhei profundamente nele no meu voo para cá, e quem me dera não o ter feito.

Há fotografias em secções VIP de discotecas com uma corrente de prata detestável à volta do pescoço. Outras fotos dele a relaxar numa suíte num jogo de futebol americano dos D.C. Titans e a fazer o primeiro lançamento para a equipa de basebol dos D.C. Dolphins.

Sou a favor de ostentares a tua riqueza e mostrares o que ganhaste, mas ele é o menino de ouro da liga. Aquele que aparece em revistas com fatos que custam oito mil dólares e o tipo que recebe tudo numa bandeja de prata.

Ouvi uma história em que ele quis usar um ginásio público durante a época baixa, e fecharam o edifício durante duas horas para que ele pudesse fazer exercício.

Aposto que nunca ninguém lhe disse que não.

É difícil jogar com pessoas assim. Há ego envolvido, uma atitude de *eu* e não de *nós* que torna o balneário tenso e desconfortável.

Já vi isso em primeira mão e não quero voltar a fazer parte desse ambiente. Se é assim que os Stars estão a funcionar, não vou durar mais do que uma semana.

— Miller — digo, e escondo a curiosidade com um gole de cerveja. — Temos um treino no gelo planeado para o final desta semana, e não quero ir sem saber mais sobre como ele é fora do gelo. Um amigo meu disse-me que ele é um mulherengo. É verdade?

A Piper fica corada.

— Não sei nada em primeira mão, mas, na estrada, ele é conhecido por levar mulheres às escondidas para o seu quarto de hotel depois do recolher obrigatório. As mulheres ficam sempre muito entusiasmadas.

— Isso tem de significar que ele é um idiota, certo? Alguém que não tem as suas prioridades bem definidas.

— De maneira nenhuma. O Maverick é como um cachorrinho. Está cheio de energia e salta por todo o lado. Toda a gente gosta dele e o trabalho que faz para organizações de beneficência é admirável. Também desempenha muito bem o papel de capitão. É por isso que continua aqui, mesmo com todas as derrotas: acredita nestes rapazes e adora D.C.

Interessante.

Não posso dizer que tenha imaginado o tipo a sujar as mãos e a fazer trabalho de beneficência, mas guardo isso para mais tarde.

— Porque é que os Stars perderam tantos jogos? Não têm uma época de vitórias desde que o Miller foi recrutado. Um tipo tão bom devia dar a volta a uma organização.

— Só cá estou há alguns anos, por isso não sei a história toda, mas ouvi rumores sobre um treinador tóxico. Parece que não foi utilizado em todo o seu potencial nas suas primeiras épocas. Deixavam-no no banco e ele ficava frustrado. Ele também foi o líder da liga em tempo gasto na área de grande penalidade nos seus dois primeiros anos connosco.

— Tem mau feitio?

— Não é mau feitio... Ele não faz mal a uma mosca. É muito leal e não gosta que se aproveitem dos seus colegas de equipa. O treinador Saunders chegou e a dinâmica mudou. É muito mais fácil conviver com este treinador, mas continua a ter uma personalidade autoritária. Os rapazes finalmente acreditam que têm o que é preciso para ter sucesso, depois de lhes terem dito durante tanto tempo que não eram suficientemente bons — explica a Piper.

— E houve lesões — digo. E ela acena com a cabeça.

— Sim, é uma pena o que aconteceu com o Finn Adams. Ele estava a ter uma pré-época sólida, e ele e o Maverick combinavam muito bem. Mas os acidentes acontecem, e isso significa que tens a oportunidade de uma vida, Emmy. Estás entusiasmada?

— Ser a primeira mulher a participar num jogo da época regular na NHL seria... — Faço uma pausa e esfrego o polegar no gargalo da minha garrafa de cerveja. — Não há palavras. Estou tão orgulhosa, mas também estou aterrorizada. A atenção que vem com ser atleta profissional é esmagadora, e ainda mais quando estás a jogar sem pila num desporto dominado por homens.

Ela ri-se.

— Céus. Vais irritar tanta gente. Os Chads e os Joshes vão perder a cabeça.

— São sempre homens com esses nomes, não é? Não seria a primeira vez que me diziam para voltar para a cozinha. — Os meus lábios contorcem-se em divertimento. — Já chega de falar de mim. Quando é que vais conseguir um lugar oficial na equipa de comunicação dos Stars? Sei que tens andado a fazer uns biscates aqui e ali.

A Piper encolhe os ombros.

— Talvez na próxima época. Alguém está a pensar em reformar-se, e eu sou a próxima na fila. É um jogo de espera, mas estou feliz com o que

estou a fazer neste momento: pesquisa de jogadores. Desenvolvimento da equipa. Estou a familiarizar-me com os pontos altos da carreira de todos. As estatísticas que consigo recitar seriam um truque fixe para uma festa.

— Detesto falar com a comunicação social, mas teria todo o gosto em dar uma entrevista se fosse contigo.

— Vais ser a primeira pessoa com quem vou falar quando finalmente tiver um microfone na mão. Não vais conseguir escapar-me, Emmy Hartwell.

— Nem pensaria nisso.

Ficamos acordadas até tarde a falar sobre a equipa e os jogadores, e sobre como têm sido as nossas vidas desde a última vez que nos vimos. Tenho com a Piper a mesma sensação de calma que sinto com o Grady.

A certeza de que, mesmo quando tudo parece esmagador, ainda há pessoas que acreditam em mim.